# Islamic tradition planning model in Portuguese Cities, VIIII – XIII centuries

**Mafalda G. Teixeira de Sampayo**
Universidade Técnica de Lisboa, Portugal

Several investigators have researched an archetype for the Islamic city; some dedicated their study to the Middle East, others analysed cities in the North of Africa and a few looked at the situation in Europe. In this process, there were factors that were not taken into consideration. In the case of the investigators of the Eastern cities, the pre-existent was neglected. They inferred a regular model of orthogonal basis for those cities, forgetting the Roman city that had its foundations on the same structure.

As for the ones interested in the Islamic cities in Africa, their analysis are a great contribution and we noticed very similar situations in the Peninsula, in spite of the fact that in the North of Africa, the "warlike" character of the Portuguese cities is not so clearly expressed.

The Islamic city is planned, has proper rule. We give the example with analyses of some Portuguese's cities where this structure of planned city is well defined.

mafalda.sampaio@iscte.pt

Primeiramente apresentarei os diferentes estudos que já foram realizados para a tipificação do modelo islâmico nas diferentes partes do mundo árabe. E finalizarei este artigo com uma síntese das características mais evidentes da presença do povo árabe nas cidades portuguesas.

No estudo do desenvolvimento do arquétipo da cidade islâmica há que distinguir, as diferentes actuações em função das culturas presentes em cada território (das preexistências), e as condições políticas e económicas. Isto é, o modelo não será exactamente igual, quer no Médio Oriente, quer em África ou mesmo em Portugal.

O modelo magrebino, se assim se pode chamar, tem como fundamento um desenvolvimento espontâneo, de influência mais oriental, enquanto nas cidades mais antigas da Palestina, e mesmo da Síria, encontramos traçados geométricos de origem greco-romana. Jean Sauvaget (Sauvaget, 1934, pp. 421-480) explicou isso quando estudou Damasco e Aleppo.

Assim, temos de ter em conta um facto muito importante: os Árabes vão ocupar zonas já urbanizadas, cidades com história: "Les Arabes envahissent les côtes méditerranéennes au milieu du VII$^{e}$ siècle; ils rencontrent d'abord les zones fortement urbanisées de l'Orient hellénistique, s'emparent des villes existantes – Alexandrie, Antioche, Damas, Jérusalem – et les adaptent à leurs exigences…" (Benevolo, 1994, p.153). Muitas destas cidades apresentavam estruturas regulares, malhas perpendiculares que, embora adaptadas às necessidades dos novos ocupantes, mantiveram muitas das vias principais da cidade preexistente; veja-se o caso de Damasco.

Do estudo de Sauvaget, para o Médio Oriente, Aida Youssef traçou um esquema onde o *suq* adopta a forma linear, a mesquita não ocupa o lugar central e a cidadela é colocada a Este (Hoteit, 1993, pp. 12-13).

Para além de Sauvaget, outros investigadores desenvolveram os seus estudos com o objectivo de definir um arquétipo para a cidade islâmica. É o caso de Von Grunebaum com um artigo muito valioso intitulado: "The structure of the Muslim Town". É importante salientar que este autor estudou e leu trabalhos de franceses que tinham analisado a situação no Magrebe e aceita, como elementos principais da cidade islâmica, a mesquita, o mercado e os banhos. Formula também o seu modelo para esta cidade em que as ruas principais se cruzam numa praça central, a mesquita é edificada na rua principal e o palácio do governador localizado junto da mesquita. Esta estrutura ainda se pode observar em muitas cidades do Norte de África.

De todos os interessados no modelo da cidade islâmica destaca-se o investigador Albert Hourani a quem se deve, em 1970, o livro "La ciudad islámica", cujo título original é "The Islamic City" (Hourani, 1970), onde foram compiladas as actas dos primeiros simpósios sobre a cidade islâmica que se realizaram na década de 60.

Hourani descreveu também as características do arquétipo da cidade muçulmana típica, onde existia uma alcáçova situada num ponto de defesa natural, onde encontrávamos também uma cidade ou bairro régio, um complexo urbano central, alguns bairros residenciais e, naturalmente, subúrbios para os recém-chegados à povoação.

Benevolo destaca quatro constantes nas cidades árabes, (Benevolo, 1994, pp. 153-167) elementos que, conjugados, apenas encontramos nestes espaços. São os seguintes: uma redução dos edifícios públicos relativamente à cidade precedente, a existência apenas de casas ou palácios e de mais dois tipos de edifícios públicos - o dos banhos (correspondente às termas dos Romanos) e a mesquita - sem correspondente no mundo clássico; um abandono da regularidade aplicada nas cidades da Grécia antiga e nas romanas, em favor de uma organização labiríntica de um tecido irregular; a cidade como um organismo compacto fechado dentro de uma ou mais muralhas, dividida em diferentes espaços, sendo o espaço central o da *medina* (nesta cidade os diferentes grupos étnicos ou religiosos ocupam quarteirões diferentes e o príncipe reside numa zona periférica, protegido do barulho); a utilização de figuras geométricas na decoração arquitectónica, sem utilizar a figura humana por questões religiosas …

Aida Youssef Hoteit faz referência a outros investigadores da cidade islâmica, como Nader Ardlan e Laila Bakhatiar, Heinz Gaube, Besim Hakim. Para Ardlan e Bakhatiar, esta cidade é idêntica à estrutura cósmica.

Já para Heinz Gaube, existem quatro funções principais que se manifestam na forma física da cidade: "the seat of government, the center of intellectual and religious life, the place of non-agrarian economic activities e the dwelling place of a population which is not employed in the primary sector" (Gaube, 1979, pp. 18-19).

No entender de Besim Selim Hakim, a lei muçulmana foi a grande responsável pela forma física desta cidade: "The development of building and urban design principles centred primarily around housing and access. Their development paralleled that of Islamic Law, and soon became semi-legislative in nature. (…) Islamic law responded well in fulfilling the demand for buiding/urban design guidelines and a framework for adjudicating related conflicts." (Hakim, 1986, p. 15) Desta forma, Youssef Khiara considera que, para se entender este urbanismo, é necessário o conhecimento das cláusulas jurídicas e regras normativas que determinam esta produção arquitectural e este tipo de paisagem urbana (Khiara, 1993, p. 34.)

Nos trabalhos levados a cabo pelos investigadores da cidade islâmica, chegou-se à conclusão ser o modelo do Médio Oriente geométrico e o do Magrebe espontâneo.

O modelo do Médio Oriente aproxima-se muito do modelo romano, ou seja, vai buscar sabedoria às tradições urbanas pré-islâmicas. Contudo, esta análise, que foi realizada por J. Sauvaget, baseou-se no estudo de cidades como Damasco ou Aleppo, cidades que já traziam consigo um desenho regular herdado dos Gregos e Romanos. Não sendo urbes criadas de raiz pelos Árabes dificilmente se deveriam considerar para encorparem modelos.

Sauvaget considerou, como vimos, o modelo no Médio Oriente com características geométricas, onde a mesquita não está no centro e o mercado se desenvolve ao longo de uma rua, estando o palácio num extremo da cidade, a Este.

Para o Magrebe, Von Grunebaum terá chegado a conclusões que muito se assemelham às conclusões a que cheguei para as cidades portuguesas, nas quais as ruas principais se cruzam ficando a mesquita no ponto de intersecção destas vias. No entanto, Von Grunebaum fala-nos na proximidade da mesquita principal com o palácio. O estudo deste investigador incluíu cidades da Síria e do Magrebe e daí que o seu modelo de cidade islâmica seja um misto da imagem destas cidades. Não obstante, chegou a elementos que, segundo ele, caracterizavam as cidades islâmicas: as ruas principais que se cruzavam numa praça e a existência de uma mesquita, na rua principal, com o palácio do Governador a seu lado.

A descrição de Hourani é, talvez, aquela que mais se aproxima das nossas cidades. O palácio é construído na parte mais alta da cidade ou aglomerado e fazem parte desta cidade alguns bairros de habitação e os arrabaldes para recém-chegados.

Para o modelo da cidade islâmica, no Norte de África, William Marçais e Georges Marçais viram a separação das diferentes funções. Para eles, nesta urbe, estava patente a separação entre bairros comerciais e bairros residenciais. No que diz respeito ao comércio existia uma organização hierárquica, sendo colocado o mais nobre e limpo na proximidade da mesquita. Quanto aos bairros habitacionais também se estruturavam em relação ao factor étnico ou à especialização (Georges Marçais, 1945, p. 532.).

Segundo William Marçais e Georges Marçais, esta cidade é ditada pela função defensiva, e isso está bem visível na rudeza dos seus muros, nas portas imponentes e no palácio estrategicamente situado.

Aida Youssef Hoteit acrescenta ainda a colocação dos cemitérios e jardins no exterior da cidade, e importantes vias que estruturam o espaço intramuros.

A luz destes estudos criei uma metodologia de análise para as cidades portuguesas onde considerei serem cinco os factores determinantes para traçar os princípios urbanísticos destas

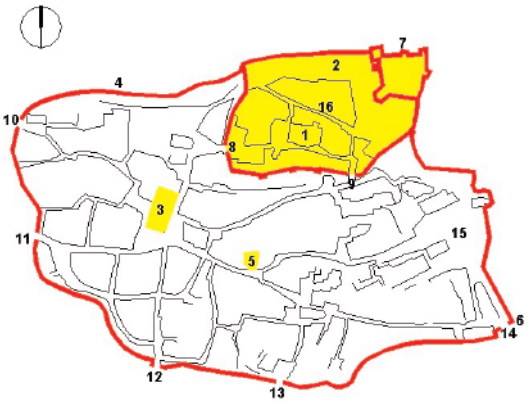



Fig. 1

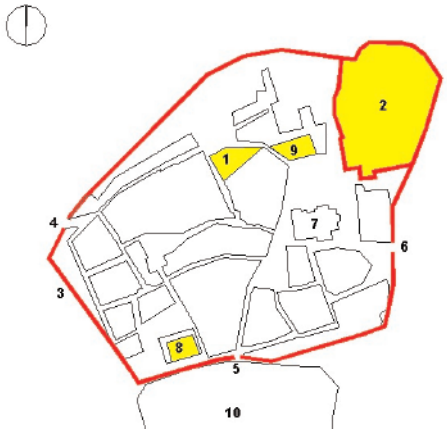



Fig. 2

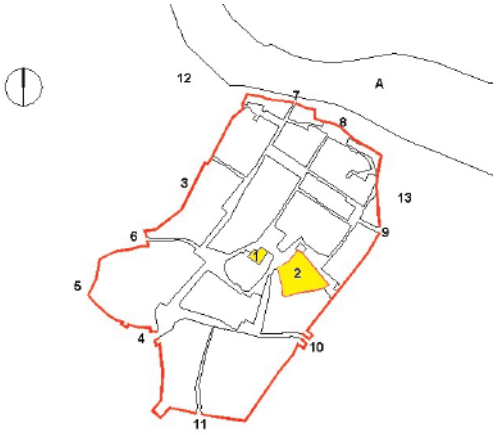



Fig. 3

cidades. Estes factores são: a fundação do aglomerado, as preexistências; a Situação topográfica; a Situação e desenho urbano da alcáçova e traçado da muralha da cidade; a Localização da mesquita principal e dos edifícios públicos de destaque na cidade árabe e Características do traçado que enforma o aglomerado e seu desenvolvimento urbano.

A escolha para análise dos dez aglomerados (Santarém, Lisboa, Elvas (fig. 1), Évora, Alcácer do Sal, Mértola, Silves (fig. 2), Lagos, Tavira (fig. 3) e Faro) justifica-se com o facto de serem aqueles onde o povo árabe permaneceu mais tempo e onde, ainda hoje, conseguimos observar com clareza os princípios da cidade islâmica.

Orlando Ribeiro diz que, mesmo em relação à presença romana, é no Sul que encontramos a sua marca mais sólida com as famosas vilas rústicas. Assim, os Árabes atenuaram a marca da civilização romana no Sul do país, tal como os árabes.

## CONCLUSÃO

### A fundação do aglomerado, as preexistências

A escolha do sítio na implantação duma cidade tem motivos vários, podendo estar relacionada com factores económicos, políticos e defensivos. Podemos afirmar que a selecção inicial dum lugar para a construção duma cidade marca de forma determinante o desenvolvimento da malha urbana da urbe.

A maioria das cidades analisadas nesta dissertação tem um carácter defensivo e por isso obedece a preocupações estratégicas, podendo algumas conciliar esse factor com outro de ordem económica.

Fizemos questão em analisar a fundação dos aglomerados pelas razões apresentadas acima. Pensamos que a melhor forma de estudar o modelo duma cidade duma determinada cultura passa pela análise dessa urbe em estado puro, isto é, sem a intervenção doutras culturas e do elemento tempo. Muito dificilmente encontraremos estas duas condições reunidas e, no nosso caso, o factor tempo é imperativo. Ele pode influenciar ou não no estudo duma determinada urbe.

Como o nosso objectivo de estudo remete fundamentalmente para a cidade islâmica em Portugal, onde existem poucas cidades de fundação árabe, tivemos de ter em conta as preexistências e as diferentes culturas que ocuparam sucessivamente as cidades conquistadas ou apropriadas pelos Muçulmanos.

Antes de mais, queremos deixar claro o que considerámos ser uma cidade de fundação árabe. Foram entendidas como cidades nesta condição aquelas que correspondem a uma edificação islâmica. Aquela onde à data da ocupação do povo árabe num determinado sítio não existia cidade com o significado aceite pela maioria dos investigadores.[1] Neste contexto e pegando no caso concreto da cidade de Silves confirmámos a sua fundação islâmica, porque não está provada a existência de cidade no monte onde os Árabes fizeram crescer a sua urbe. Embora tenham sido encontradas algumas estruturas visigóticas naquele sítio, não consta que lá estivesse implantada uma cidade visigótica. Ainda relativamente a esta urbe sabe-se da existência dum aglomerado romano, não no monte da cidade islâmica mas perto desta, e não temos conhecimento dum castro no cimo deste monte, como ocorreu num grande número de cidades islâmicas em Portugal.

Assim, e nas dez cidades analisadas considerámos duas de fundação islâmica: Silves e Elvas. A fundação desta última ainda é mais clara que a de Silves. Na região de Elvas existiu um castro importante (que poderá ter correspondido a uma cidade), mas não na colina escolhida pelos Muçulmanos.

Relativamente às outras cidades, Évora, Faro e Lagos são as mais romanas na morfologia da planta. Évora e Lagos correspondem àquelas onde os castros não foram devidamente comprovados.

Nas restantes cidades o percurso foi muito idêntico: primeiro corresponderam a um assentamento do tipo castrejo; seguiu-se uma apropriação romana, os Visigodos estiveram em quase todas; e do século VIII ao XIII foram islâmicas. Como este itinerário esteve mais presente influenciou em muito a caracterização do modelo da cidade islâmica portuguesa que iremos apresentar.

A estrutura castreja teve muito pouca interferência na malha urbana das cidades analisadas, mas foi determinante na escolha do sítio. Os intervenientes da Idade do Ferro escolheram situações e sítios[2] que lhes eram favoráveis. Todos os castros referenciados estavam em sítios defensivos e encontravam-se em situação favorável às comunicações e à exploração agrícola.

Com os Romanos construiu-se cidade; cresceu um padrão morfológico adaptado ao modelo da cidade imperial e ao sítio onde esta assentava. Desta forma se explicam as diferentes plantas das cidades romanas portuguesas. Mértola e Lisboa são as urbes onde se nota mais a influência do sítio na cidade romana.

Em relação à estadia dos Visigodos nas cidades apresentadas, concluímos que contribuíram no reforço das muralhas da cidade romana. Nalguns casos, é possível que sejam mesmo os responsáveis pela construção dessas fortificações. Durante a sua permanência muitas igrejas se edificaram; exemplo disso é a basílica de Mértola, implantada fora de portas.

## A situação topográfica

As dez cidades portuguesas apresentadas neste estudo, embora separadas por grandes distâncias, estão implantadas em sítios muito semelhantes. Todas desfrutam duma colina à excepção de Santarém e Évora, que se localizam em planaltos. No caso de Évora está patente o controlo visual do território, pois dominava uma vasta planície alentejana. Santarém é um caso especial, uma vez que no seu desenvolvimento havia uma separação física entre os vários bairros da urbe.

Verificámos que quando a implantação se desenvolveu numa colina foi sempre escolhida a vertente Sul por ser a mais ensolarada. Foi assim em Lisboa, Elvas, Alcácer do Sal, Mértola, Silves e Tavira.

A presença dum rio e duma ou mais ribeiras é uma constante nos estudos de casos analisados. Já tínhamos chegado à conclusão que a água é essencial à vida das cidades islâmicas e ela aparece em todos os aglomerados estudados. Quando existe um rio, ele está a Sul da colina e condiciona em muito o desenvolvimento da malha urbana. A colina também é responsável pelo crescimento do tecido urbano.

Nas cidades abordadas dois rios se destacam pela constante presença: o Tejo (Santarém e Lisboa) e o Guadiana (Elvas, Évora e Mértola), importantes vias de comunicação em tempo medieval. Para além dos rios, principais eixos viários, outros terrestres se evidenciam, muitos deles remontando aos Romanos. O facto de estas urbes se encontrarem em situação de encruzilhada impulsionou em muito o desenvolvimento das mesmas, que viviam da agricultura, mas também do comércio.

Assim, o cruzamento de vias, muitas delas do tempo romano, permitiu que mesmo as regiões mais pobres em termos férteis sobrevivessem gloriosamente ao tempo medieval. É o caso de Mértola, onde os terrenos são pouco férteis. Apenas Lagos não deve o seu grande desenvolvimento a uma situação de encruzilhada, esta cidade Algarvia vivia da riqueza do seu sítio e da proximidade que mantinha com alguns centros comerciais.

A condição agrícola de Mértola é uma excepção nas cidades apresentadas; em todas vimos existirem terrenos férteis que, nalguns casos, conciliavam as potencialidades dum rio de grandes dimensões. Desta forma, a riqueza do sítio parece ser uma condição da permanência dos aglomerados. Em muitas destas cidades portuguesas existiam bosques nas proximidades, o que pensamos ter sido um apelativo à ocupação das mesmas por parte dos Árabes.

A exploração mineira evidencia-se nalgumas das regiões das cidades estudadas; esta era uma actividade que já vinha de tempos anteriores. No caso de Mértola, esta actividade contrabalançava a pobreza dos terrenos para a agricultura.

Na globalidade, a cidade islâmica em Portugal localiza-se na vertente Sul duma colina inclinada; tem um rio a seus pés; é atravessada por importantes vias romanas, ou estas estão na sua proximidade; dispõe de terrenos férteis com abundância de água potável, o que permite a cultura de hortas na envolvente da cidade; e, em muitos casos, usufrui também dum bosque.

Faro e Évora têm uma condição geográfica ligeiramente diferente. Évora não está na vertente Sul duma colina, mas no cimo de um planalto; Faro funcionava como uma pequena ilha ovalada implantada num montículo.

## Situação e desenho urbano da alcáçova e traçado da muralha da cidade

A alcáçova, na cidade islâmica portuguesa, ocupa o lugar mais alto da implantação. Registámos, apenas, três casos onde isso não se verifica: Lagos, Tavira e Faro. Em Tavira foi dada primazia à posição da mesquita maior que se localizava, no ponto mais alto, próxima da alcáçova. Em Lagos e Faro a construção da alcáçova, em zonas baixas, poder-se-á explicar por razões que se prendem com as preexistências e por um lugar estratégico de vigia controlando os movimentos de chegadas e partidas na via marítima.

Não temos informação relativa ao desenho urbano de todas as alcáçovas, mas em relação às cidades islâmicas, onde se realizaram escavações e onde o tempo não apagou o passado, observámos que foram colocadas a descoberto estruturas regulares, malhas rectilíneas de suporte às edificações. Vimos isso em Santarém onde ainda são perceptíveis os eixos viários ordenadores daquele espaço; em Lisboa as estruturas que lá encontramos hoje, se forem reminescentes do tempo islâmico, demonstram uma organização na alcáçova; em Elvas na residência dos governadores (o castelo) também foi posta à vista uma estrutura recticulada; em Mértola, com o bairro residencial da alcáçova localizado a Norte desta; e em Silves onde Rosa Varela Gomes identificou um traçado composto por uma malha urbana organizada, com o respeito pelos alinhamentos do pano de muralhas que desenha aquela alcáçova. Este desenho regrado no espaço da alcáçova, em que as linhas rectas assumem maior preponderância, é resultado de um crescimento rápido, que corresponde às necessidades dos governadores; é a expressão mais evidente do poder.

Podemos afirmar que a alcáçova se relaciona com as muralhas da medina sempre da mesma forma, ainda que a sua orientação possa ser diferente de caso para caso. Na grande maioria das cidades analisadas o reduto do poder ocupa o ponto mais alto da colina e a muralha da medina nasce amarrada ao pano da muralha da alcáçova. A separação física entre a alcáçova e a muralha da medina apenas se registou em Santarém e em Tavira. Em relação a esta última existem ainda algumas dúvidas, aquilo que visualizamos hoje parece indicar que a alcáçova ficava no interior da medina. Contudo, o traçado da muralha da cidade pode ter sido diferente daquele que imaginam os actuais investigadores. O caso de Santarém é de todos o que apresenta mais divergências ao modelo: existe uma boa distância entre os vários espaços da cidade, a medina e a alcáçova ocupam plataformas planálticas diferentes e não se tem conhecimento duma muralha que unisse aqueles dois espaços.

Embora se tenham comprovado orientações diferentes da alcáçova em relação ao centro da medina, é curioso o facto de em muitos casos observarmos uma posição do reduto a Nordeste. Vimos isso em Elvas, em Évora, em Mértola, em Silves e em Lagos. Por outro lado, em Santarém e em Tavira o espaço do poder ocupa um lugar a Este.

O desenho em planta das muralhas das alcáçovas estudadas corresponde quase sempre a polígonos irregulares de 3 ou 4 lados, adaptados à morfologia do terreno, e muitos deles têm uma forma próxima do quadrado ou do rectângulo. São trapézios rectangulares as alcáçovas de Santarém, Elvas, Mértola e Silves. A área da alcáçova é proporcional ao tamanho da medina. Em cidades grandes temos alcáçovas que podem atingir os 4 hectares, como em Santarém e Lisboa; em cidades de menores proporções, como Silves, a alcáçova rondará 1 hectare.

As portas da muralha da alcáçova devem depender da sua dimensão e das funções que desempenha. É costume existir duas portas: uma articulada com o interior da medina, geralmente associada a uma importante via; e a outra, chamada da Traição, que dava para o exterior, e serviria como última fuga em caso de invasão.

A muralha da medina, geralmente mais acidentada que a da alcáçova, é construída, nalguns casos, para englobar as construções que cresceram espontaneamente (obedecendo a uma hierarquia viária) e apresenta alguns recortes relacionados quer com a habitação existente quer com a topografia. Um bom exemplo desta caracterização está patente na muralha da medina de Elvas. Algumas muralhas são mais regulares, correspondendo a desenhos ovalados (Alcácer do Sal, Silves e Faro) ou rectangulares (Santarém, Évora, Mértola, Lagos e Tavira). É bom ter presente que nem todas as muralhas das medinas analisadas correspondem apenas ao período islâmico; algumas têm a sua origem em tempo romano, e sofreram alterações – recuperações ao longo do tempo - sendo registadas, no século X com os Árabes, algumas melhorias em certas cidades portuguesas. Assim, o desenho da muralha da cidade está intimamente associado à topografia do sítio, tanto na cidade árabe como na romana.

Quanto às portas da medina portuguesa, verificámos o mesmo que acontece noutros aglomerados medievais no resto da Europa, ou seja, o seu número relaciona-se com a dimensão do povoado. Desta forma, nas maiores cidades islâmicas portuguesas encontrámos até 5 portas; vimos isso em Lisboa e em Elvas. As mais pequenas, aquelas que se inserem numa escala que ronda os 6/7 hectares, têm normalmente 3 portas (casos de Alcácer do Sal,[3] Silves e Lagos). Faro foi a cidade onde anotámos o menor número de portas na muralha da medina, apenas 2.

Nas cidades islâmicas analisadas, individualizámos 3 escalas relativamente à área intra-muros: na escala de primeira ordem estão as cidades de Santarém (23 hectares) e Lisboa[4] (11 hectares); seguem-se Elvas e Évora (ambas com cerca de 10 hectares); e numa terceira ordem, as cidades de Mértola, Lagos (5 hectares), Silves (8 hectares), Tavira (6 hectares) e Faro (5 hectares). Alcácer do Sal não foi inserida em nenhuma destas escalas porque a sua área diverge bastante das restantes. Verificámos, assim, que o que predomina é a cidade da segunda escala, aquela que ronda os 7 hectares, tal como Cláudio Torres havia referido.

## Localização da mesquita principal e edifícios públicos de destaque na cidade árabe

A mesquita maior na cidade islâmica portuguesa ocupa quase sempre um lugar central na medina, fica numa importante via da urbe. Quando isso não acontece, a sua localização está na proximidade duma das portas da cidade. Em Santarém, Mértola e Lagos a mesquita maior encontrava-se junto a uma das portas da muralha da medina, embora em Santarém esse lugar concilie também uma certa centralidade. Já em Lagos a posição da mesquita, antigo lugar do fórum romano, ficava numa das extremidades da urbe, que teria carácter central pelas funções que desempenhava. A localização da mesquita em Mértola e em Lagos pode ter sido

influenciada pelas preexistências. Em Lagos foi o fórum romano - o lugar mais alto; em Mértola foi uma posição alta na proximidade da alcáçova. Esta vizinhança da alcáçova com a mesquita maior também foi observada em Silves e Tavira.

Para além da mesquita maior outras mesquitas de bairro existiram na cidade islâmica portuguesa. Nalguns aglomerados analisados (Santarém, Lisboa e Elvas), constatámos que o espaço da alcáçova englobava uma mesquita. A construção duma mesquita no espaço do poder pode ter razões diversas: uma pode prender-se com o tamanho da urbe, uma vez que verificámos a presença da mesquita na alcáçova nas cidades de maior escala; outra com a riqueza dos sítios e do tempo da construção, que permitiram que certas alcáçovas funcionassem como autênticas mini-cidades.

Em muitas cidades ainda se registam mais mesquitas localizadas nos diferentes núcleos, bairros, que compõem a malha urbana. Em Santarém, a construção de diferentes mesquitas prende-se, como em outras urbes, com as necessidades da população, aqui ainda mais evidente, pois os vários bairros da cidade encontravam-se separados. Em Lisboa, com o desenvolvimento da urbe, surgiram bairros às portas da cidade, os arrabaldes da Mouraria e de Alfama, que iriam também albergar edifícios religiosos; sabe-se que na Mouraria de Lisboa existiu uma pequena e uma grande mesquita. Évora islâmica tinha 3 mesquitas: à da Sé somavam-se mais duas de bairro, também localizadas em chão que viria a ser cristão.

Tem sido documentada uma hereditariedade em muitos edifícios religiosos de várias cidades ibéricas. Existe uma tradição cultural no sítio onde são levantados os monumentos sagrados. Temos visto, a uma basílica cristã suceder uma mesquita, e a esta sobrepor-se uma igreja denominada vulgarmente por Igreja de Santa Maria. Em Santarém, a mesquita da alcáçova parece ter sido substituída pela Igreja de Santa Maria, e é possível que na medina a Igreja de Santa Maria de Marvila estivesse em lugar da mesquita principal; em Lisboa, existe indicação da mesquita ter estado no sítio onde mais tarde foi construída a Igreja de Santa Maria Maior, a Sé; em Elvas, na alcáçova, sucede à mesquita da alcáçova a Igreja de Santa Maria da Alcáçova e à mesquita da medina a Igreja de Santa Maria dos Açougues; em Alcácer do Sal, a Igreja de Santa Maria, no espaço da medina, terá sido edificada sobre a mesquita maior; em Mértola, a Igreja Matriz ou Igreja de Santa Maria é resultante da mesquita; em Lagos, no sítio da mesquita construiu-se a Igreja de Santa Maria da Graça ou Santa Maria Mayor arruinada com o terramoto de 1755; em Tavira, sabemos que a mesquita maior foi antecessora da Igreja de Santa Maria do Castelo; e em Faro, a mesquita maior dá lugar à Igreja de Santa Maria de Faro.

Em função do exposto para as diferentes cidades, podemos afirmar que, em quase todas, existiu perto da mesquita um mercado. Santarém tinha um mercado e a Casa das Fangas perto da mesquita maior; em Elvas, o açougue situava-se numa rua principal na proximidade da mesquita aljama; Évora islâmica tinha o suq perto de uma das mesquitas de bairro; em Silves, o mercado encontrava-se perto da mesquita; e em Faro, também se faziam trocas comerciais às portas da mesquita.

O mercado, na cidade islâmica portuguesa, também adopta a forma linear, desenvolvendo-se ao longo duma rua, como já foi referenciado a propósito de Mértola e de Silves. A rua comercial tem continuação durante toda a Idade Média chegando mesmo aos nossos dias.

Verificámos que, em muitas destas cidades, existira também um espaço comercial junto duma das portas e/ou nas proximidades do rio. Em Santarém, registámos alcaçarias junto ao rio entre os dois bairros ribeirinhos e um espaço de feira, o rossio, perto duma das portas; em Lisboa as alcaçarias estavam junto ao rio, nas imediações da Porta do Mar; em Évora, também existia comércio fora de portas (o mercado das sedas), num dos arrabaldes; em Alcácer do Sal, os açougues existiram junto da Porta de Ferro e mais tarde passaram para junto da ribeira; em Silves, realizavam-se feiras no exterior junto ao rio; em Lagos, o comércio fazia-se junto duma das portas, a da Ribeira; em Tavira, existiram alcaçarias na margem do rio, do lado exterior da

muralha, na Rua dos Pelames[5] e um outro mercado, junto a uma das portas, no espaço que viria a ser da Praça da Ribeira. Desta forma, o comércio realizava-se em várias partes da cidade islâmica portuguesa.

O edifício de banhos públicos era comum às cidades islâmicas. Uma tradição do tempo romano, onde as termas não faltavam. O edifício de banhos públicos aparece na cidade islâmica no local onde antes tinham sido as termas romanas ou junto a uma das portas da urbe. Na cidade islâmica de Santarém, existiam vários edifícios de banhos para responderem às carências dos diferentes bairros separados fisicamente; em Lisboa, os banhos estariam possivelmente no sítio das termas romanas, na ribeira e a meia encosta; em Elvas, os banhos estariam no exterior, perto duma porta e da albergaria; em Mértola, as termas localizaram-se no espaço do fórum e terão possivelmente passado para junto do rio; e em Silves, os banhos públicos localizar-se-iam junto a uma das portas da cidade perto do rio e também na alcáçova.

Outro edifício público de destaque, na cidade islâmica portuguesa, é a albergaria, que os espanhóis apelidam de funduqs, onde os comerciantes procuravam abrigo. Nas cidades apresentadas, registámos, em Elvas e em Faro, uma possível albergaria no exterior da urbe.

O espaço funerário, quando identificado, está, em todas as cidades islâmicas analisadas, no exterior junto a uma das portas, e nalguns casos ao longo de uma importante via que conduz a essa porta. Em Santarém, só foram identificados os cemitérios judeus que também estavam no exterior; em Lisboa, um dos cemitérios estava no exterior, nas extremidades dum arrabalde; em Elvas, o cemitério localizava-se fora das muralhas da medina; em Évora, o cemitério estava no exterior, próximo de uma das portas; em Alcácer do Sal, acredita-se que o cemitério islâmico ficava no exterior, segundo uma lápide encontrada; em Mértola, o cemitério islâmico estava à porta da cidade, ao longo da via que se deslocava para Beja; e em Silves, o cemitério ficava junto à porta nascente.

## Características do traçado que enforma o aglomerado e seu desenvolvimento urbano

Em oposição à cidade romana (que é una), a cidade islâmica portuguesa apresenta uma estrutura tripartida: alcáçova, medina e arrabaldes. Nas cidades observadas, verificámos uma variação de 3 a 4 bairros, sendo vulgar encontrar 3 bairros nestas urbes, bairros que têm uma relação com a estrutura apresentada.

Contudo, muitas destas urbes apresentam 4 bairros nos quais dois podem corresponder a desenvolvimentos exteriores à urbe, a arrabaldes. Em Santarém, vimos uma alcáçova e uma medina em altas plataformas e dois arrabaldes junto ao rio; em Lisboa, a alcáçova localizava-se no topo do monte, a medina a meia encosta e os arrabaldes, de ambos os lados da medina, relacionavam-se com o rio; em Elvas, os bairros existiam dentro da medina e estavam separados por importantes vias (caso da Judiaria que, como noutras cidades medievais, ocupava um lugar privilegiado intra-muros); Évora islâmica estava fragmentada em bairros individualizados pelas vias de destaque da urbe; em Alcácer do Sal, no cimo do monte, estava a medina e a alcáçova e junto ao rio outro bairro se desenvolvia; em Mértola, existiam 3 núcleos - o da alcáçova, o da medina e o do arrabalde; em Silves, as importantes vias também distinguiam os bairros e havia um arrabalde junto ao rio; em Lagos, surgiu também um arrabalde junto à ribeira; em Tavira, dois bairros se desenvolveram no exterior, um no cimo do monte que viria a ser a Mouraria e o outro junto ao rio; e Faro também tem uma estrutura tripartida em alcáçova, medina e arrabaldes. É importante voltar a realçar o facto de cada bairro funcionar autonomamente e com funções específicas.

Em todas as cidades islâmicas portuguesas existe uma hierarquia viária, normalmente imposta por duas importantes vias que se encontram ao centro da urbe e comandam pequenas

travessas e becos que nos conduzem à habitação privada. Também verificámos esta situação na cidade romana, mas ela não é exclusiva desta cultura, pois as cidades que classificámos como de fundação islâmica em Portugal - Elvas e Silves - demonstram esta mesma estratégia.

As vias de maior destaque na cidade islâmica estão associadas a actividades religiosas e comerciais. Assim, é muito comum encontrar a mesquita maior numa das principais vias e o suq (às vezes sob a forma linear, desenvolvendo-se ao longo da rua) nas suas proximidades. Estas importantes vias fazem a ligação das principais portas da urbe.

Em muitas das cidades por nós analisadas vimos que a estrutura da urbe romana permaneceu, sendo hoje possível afirmar que uma determinada rua corresponde ao cardo e outra ao decumanos. Mas mais interessante será fazer o exercício de observação da evolução do aglomerado e da relação deste com as primitivas vias que ligavam a urbe romana a outros centros habitados. Desta investigação constatamos que essas vias romanas transformaram-se em ruas principais durante a Idade Média.

Por outro lado, as linhas principais de um aglomerado – o cardo e o decumanos -, materializam-se apenas se o terreno o permitir. Estes dois eixos, perpendiculares entre si, com caracter ordenador, são como vimos uma tradição helenística. Surgem, também, em cidades de fundação islâmica, mas como estas assentam, preferencialmente, em lugares acidentados, aqui o cardo e o decumanos não são tão rectilíneos como na urbe romana. Geralmente estas duas ruas são as linhas de cumeada do terreno, talvez seja por isso que em Mértola apenas podemos apontar uma dessas linhas directrizes.

Curiosamente, verificou-se em várias cidades medievais portuguesas que uma das vias que liga a cidade a outra urbe assume um papel de destaque. Esta via entra dentro da urbe, sendo inicialmente um cardo ou decumanos, mais ou menos sinuosa, nela se instalam as actividades comerciais, vindo a tomar a designação de rua direita durante a Idade Média. É nesta rua que um dia existiu uma mesquita que se transformou em igreja cristã, é também nela que encontramos referências a edifícios comerciais. A rua direita na cidade medieval corresponde assim à rua que ligava ao exterior (que se articulava com outro aglomerado).

Santarém adoptou uma hierarquia viária quer na alcáçova quer na medina, dois eixos principais desenham uma cruz, na qual o centro está bem demarcado no espaço interior às muralhas; na medina de Santarém ainda existe mais uma rua de preponderância, esta ligando duas importantes portas; em Lisboa, a principal via islâmica é aquela onde se localiza a Sé, e ligava a Porta de Ferro à Porta do Sol; em Elvas, dois eixos principais cruzam-se sensivelmente ao centro da cidade, sendo um comercial e o outro estabelecendo a ligação da alcáçova com uma das portas da medina; em Évora, os eixos viários principais são herdeiros da cidade romana, com a transferência para a cidade islâmica, e passaram a fazer a separação entre os diferentes núcleos ou bairros; Alcácer do Sal também apresenta duas vias que se cruzam no centro do espaço da medina; em Mértola, não conseguimos identificar duas importantes vias que se cruzassem ao centro, mas observámos existir uma via comercial paralela ao rio, que terá possuído uma certa preponderância no tempo islâmico; em Silves, as vias principais cruzavam-se no centro da medina; em Lagos, o desenho urbano da cidade islâmica é suportado pelo cardo e pelo decumanos da cidade preexistente, contudo, isto não significa que fossem estes os eixos principais na cidade islâmica de Lagos; em Tavira islâmica, duas ruas terão tido protagonismo, a Calçada de D. Ana e a Rua D. Paio Peres Correia, estas duas ruas não se chegam a encontrar, mas conduzem os indivíduos ao centro da cidade; e em Faro, embora deturpados pelas alterações islâmicas, os eixos principais romanos ainda hoje são identificáveis. Em todas estas cidades uma rede viária mais apertada, uma rede capilar, transporta-nos para um mundo privado, o mundo intimista que tem como base a lei do Alcorão.

Como foi referido anteriormente, a topografia do terreno onde assentam estas cidades tem repercussões no desenvolvimento da malha urbana. Nas cidades islâmicas, que ficam na encosta

duma colina ovalada, as ruas principais são circulares, e as secundárias vencem as diferentes plataformas, estabelecendo assim uma grande relação com o sítio. Isto está bem patente em Lisboa, Silves e Faro. Quando é o rio que assume maior projecção, as ruas tendem a ser paralelas àquele. Vejam-se as cidades de Alcácer do Sal, Mértola, Lagos e Tavira.

Nas cidades em que a morfologia do padrão era de origem romana, os Árabes foram-se apropriando da rua, segundo a lei da hereditariedade, e desvirtuaram ligeiramente os eixos preexistentes.

Nalguns exemplos de cidades islâmicas referidas nesta dissertação constatámos a presença de espaços de logradouros e jardins; verificámos isso em Santarém e em Évora. Esta marca junta-se a todas as outras aqui referidas e, em muitos casos, ainda podem ser confrontadas nas cidades actuais.

Depois da sensibilização para a existência dum modelo de cidade islâmica portuguesa, que corresponde hoje à maioria dos centros históricos das nossa urbes, julgamos ter ficado demonstrada a razão pela qual afirmamos serem estas cidades organizadas.

O modelo da cidade islâmica em Portugal tem muito em comum com as teorias apresentadas pelos diferentes investigadores da cidade islâmica de Espanha e do Norte de África. Uma das razões para estas semelhanças prende-se com o facto de os sítios onde estas cidades assentam apresentarem as mesmas características quer em termos geográficos quer culturais. Por outro lado, esta cidade é composta por determinados elementos (formas físicas determinantes na formação da imagem da urbe) que se repetem nos mais diferentes lugares e que se estruturam de forma idêntica.

Individualizámos algumas características que julgamos contribuírem para o reconhecimento da cidade medieval portuguesa do século VIII ao XIII, aquela que corresponde à ocupação árabe.

Assim, o modelo da cidade islâmica em Portugal apresenta-se da seguinte forma (fig. 4 e 5):

- a urbe assenta numa colina com passado cultural, que pode ter reminiscências num castro seguido de ocupação romana e visigótica, e na maioria destes casos as estruturas preexistentes que influenciaram na malha urbana islâmica são do período romano;
- o sítio da ocupação terá sido eleito pelo primeiro povo que ocupou uma colina defensiva sobranceira a um rio ou a uma ribeira, em alguns casos esta escolha foi realizada durante a Idade do Ferro, muitos dos castros estavam em situação de encruzilhada e usufruíam de terrenos férteis;
- fazem parte da cidade islâmica 3 núcleos distintos: a alcáçova, a medina e o arrabalde (às vezes mais que um);
- a alcáçova, de planta poligonal e com duas portas (uma para o interior da medina e outra para o exterior), localiza-se no ponto mais elevado do monte, geralmente a Nordeste do centro da cidade e no lugar mais periférico do aglomerado, para que fosse fácil o abandono da cidade em caso de invasão;
- no espaço da alcáçova as ruas são recticuladas e relacionam-se com a muralha desta;
- a muralha da medina está amarrada às paredes da muralha da alcáçova e abraça um • aglomerado de casas que se dispõem na encosta Sul da colina;
- a muralha da medina tem normalmente 3 a 4 portas e a sua área ronda os 7 hectares; os edifícios públicos ocupam lugares próprios na cidade islâmica portuguesa, distinguindo-se a mesquita maior, as mesquitas de bairro, o mercado, a casa das fangas, a alcaçaria, o edifício de banhos e a albergaria;
- a mesquita maior (muitas vezes herdeira e antecessora de outros edifícios religiosos) localiza-se no centro da urbe assim como o mercado e a casa das fangas; nos diferentes bairros da cidade e conforme as suas dimensões e necessidades edificaram-se pequenas mesquitas; as alcaçarias ficavam junto do rio ou da ribeira; o edifício de banhos públicos

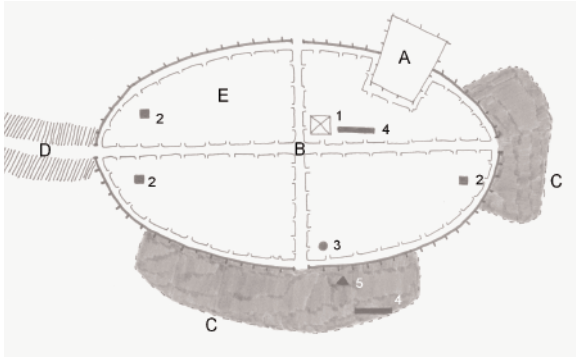



Fig. 4

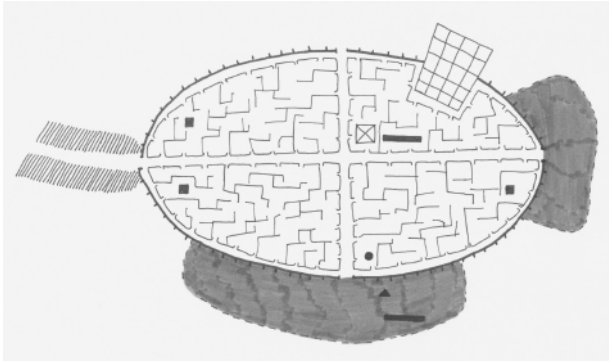


Fig. 5

junto a uma das portas perto do rio; e a albergaria no exterior da cidade;
o espaço do cemitério era construído junto às portas da medina, estendendo-se por vezes ao longo de uma via que conduzia à cidade;
• a malha urbana no interior da medina era hierarquizada por duas importantes vias que se cruzavam ao centro daquele espaço e pelos becos que conduziam à habitação privada;
•as importantes vias distinguiam-se, sobretudo, pelas actividades que lá se desenvolviam;
•a morfologia do terreno onde assentam estas cidades influência nos seus crescimentos, dando origem a subtipos do modelo.

Depois da Reconquista Cristã ficaram muitos árabes nas cidades portuguesas, se bem que em Espanha permaneceram até mais tarde. É muito natural que se continuasse a construir como em período árabe, à excepção de aglomerados reconstruídos ou construídos de novo (vilas novas planeadas e alguns bairros).

Por outro lado, em muitas urbes o perímetro urbano da cidade árabe não irá sofrer grandes alterações durante a ocupação cristã. Ladero Quesada chega a afirmar, em relação a muitas cidades andaluzas, que o perímetro urbano pouco se modificou até à Idade Moderna.[6]

Tal como Quesada, um outro historiador espanhol, Basilio Pavón Maldonado, também é da opinião que o cenário urbano até ao século XV é aquele que os Árabes construíram ou em cidades novas ou sobre antigas estruturas.

Que espaços irá a cidade cristã ocupar, quando do aumento da população residente? Vimos, em outros períodos da história, que existiram cidades que se substituíram a si mesmas ou que escolheram pontos topográficos dentro de um mesmo território. No caso concreto da passagem da cidade romana/visigótica para a islâmica procedeu-se a uma escolha de lugares de mais fácil defesa. No caso cristão, e perante uma maior estabilidade, mantiveram-se os sítios islâmicos, mas houve uma deslocação para a falda do monte e, consequentemente, para a planície mais próxima.

Como modo de conclusão evidenciamos o facto da cidade portuguesa ser uma miscigenação de culturas e modelos onde os Romanos e os Árabes tiveram um papel fundamental a tal ponto que poderíamos afirmar ser a matriz de formação da cidade medieval portuguesa um produto do cruzamento dos fundamentos teóricos e práticos, destes dois povos, na concepção da urbe.

O arquétipo da cidade islâmica muda em função do lugar onde está implantado, embora mantenha uma certa analogia de modelo para modelo. Sendo a estrutura física do território e as preexistências culturais os verdadeiros aspectos responsáveis pela diversidade de casos.

**Bibliografia:**


BENEVOLO, L. (1994), Histoire de la Ville, Paris, Parenthèses.

GAUBE, H. (1979), Iranian Cities, New York, New York University Press.

HAKIM, B., (1986), Arabic-Islamic Cities: Building and Planning Principles, London, KPI Limited.

HOTEIT, Aida Youssef, (1993), Cultura, Espacio y Organización Urbana en la Ciudad Islámica, Cuadernos de Investigación Urbanística do Seminario de Planeamiento y Ordenación del Territorio del Instituto Juan del Herrera, Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Madrid, Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio.

HOURANI, A., (1970), The Islamic City, Oxford, Bruno Cassirer.

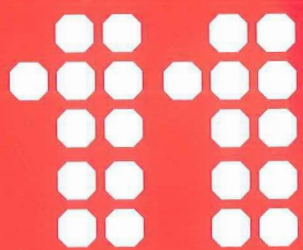
KHIARA, Youssef, (1993). "Propos sur l'urbanisme dans la Jurisprudence Musulmane", in Arqueologia Medieval, N.º 3, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, Edições Afrontamento, pp. 33-46.

MARÇAIS, G., (1945). "La Conception des Villes dans l'Islâm", in Revue d'Alger, vol.II, pp. 517-533.

SAUVAGET, J. (1934). "Esquisse d'une Histoire de la Ville de Damas", in Revue des Etudes Islamiques, Vol. 8, pp. 421-480.

* Este estudo faz parte duma Tese de Mestrado financiada pela FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia - Portugal) e foi apresentado e publicado parcialmente numa conferência internacional intitulada "the planned city? a 3-6 julho, 2003 em Trani (Bari, Itália).

1 Cidade onde a aparência física, a actividade económica e a relação com estruturas urbanas mais vastas têm de existir simultaneamente.
2 Entenda-se sítio como o lugar exacto da implantação duma dada cidade, e situação como as condições do lugar onde essa cidade se insere.
3 Alcácer do Sal é de todas as cidades estudadas a que apresenta menor área intra-muros - 3,3 hectares; se a muralha da *medina* tivesse englobado o bairro junto ao rio, a sua área aproximar-se-ia, provavelmente, das outras cidades analisadas.
4 Em Santarém e Lisboa não incluímos aqui a área da alcáçova.
5 A toponímia foi de grande ajuda na identificação de muitas das funções existentes na cidade islâmica portuguesa.
6 M. A. Ladero Quesada, *Inversiones Urbanas y Mutaciones Sociales en Andalucia. Siglos XIII al XV*, IX Settimana di Historia Economica, Prato, 1977, pp.3-6.



# 11th Conference of the International Planning History Society (IPHS)

## Planning Models and the Culture of Cities
## Modelos urbanísticos y cultura de las ciudades

14-17 July, Barcelona 2004

## Conference Book

# The 11th International Planning History conference 2004

Planning Models ant the Culture of Cities

Barcelona, 14 to 17 July

**Conference Book**

**www.iphs2004.com**

**EDITORS**
Francisco-Javier Monclús
Manuel Guàrdia

**COORDINATORS**
Malcolm Burns
Nadia Fava

**TRANSLATIONS**
Malcolm Burns
Beth Altringer

**PROOF-READING**
Beth Altringer
Ingrid Olivo

**GRAPHIC DESIGN**
Batet-Julià

**CONFERENCE BOOK**
Josep Maldonado

**WEB SITE & CONFERENCE CD**
Pere Pau Soley

**PUBLISHED BY**
Escola Tècnica Superior d´Arquitectura del Vallès
(Universitat Politècnica de Catalunya)

| | |
|---|---|
| **PRINTING** | CTC |
| **ISBN** | 84-608-0155-1 |
| **DL** | B-34.697-2004 |

Printed in Spain, July 2004

**Acknowledgements**
Rob Freeestone
Arturo Almandoz
Antonio Remesar
José Luis Oyón
Javier Fedele
Nadia Casabella
Laida Memba
Josep Mª Ciurana

and to all the referees of the Scientific Committee

## INDEX


Index of Abstracts 5

Prologue 19

Prólogo 27

Articles

Oriol Bohigas 35

Michael Cohen 45

Roberto Segre 57

Dolores Hayden 71

Michael Hebbert 89

Abstracts 101

Index of Autors and sessions 333

# Index

## CULTURAL PLANNING: IMAGES, HERITAGE, EVENTS AND CULTURAL STRATEGIES


S 01 Preservation of historic living environment and citizen participation
JINNOUCHI, Yuji 101

S 01 Creative culture and urban planning: the Bandung Experience
SOEMARDI, Ahmad Rida
RADJAWALI, Irendra 102

S 01 Fatehpur Sikri: A Utopian Approach to Urban Planning and Design
JUTLA, Rajinder S. 103

S 02 Concepts of Culture in Society and Planning in 20th to 21st Century Australia and Britain
YOUNG, Gregory 104

S 02 Cultural heritage as an agent in contemporary urban redevelopment:
an Auckland City case study
HUNT, John 105

S 02 Cultural heritage preservation : Creating a sense of Community
KOKSUZ, Bennur 106

S 02 Sustaining an indiscrete cultural landscape A case study of the South Brisbane peninsula
O´HARE, Daniel 107

S 03 The City as a collective work of Art:
plans by the École des Beaux Arts for four "echange cities"
BONFANTE, Francesca
PALLINI, Cristina 108

S 04 Multiple exposures. European Historical Centres and recent immigration fluxes
SCARNATO, Alessandro 109

S 03 The new town within the old town.
An intellectual journey on town planning's context of historic towns
TORRES CAPELL, Manel 110

S 03 The projects for the area next to St Paul´s cathedral: conservation and planning
PORFYRIOU, Heleni 111

S 04 To conserve a unique town-planning heritage example of Kyrgyzstan
by legal zoning means (from old rules to new ones)
IVANOV, Andrey 112

S 04 Historic Town Centres: a comparative study of cultural significance and
conservation management
LANDORF, Chris 113

S 04 Bazaar and its role in the development of Iranian traditional cities
MOOSAVI, Mir Saeed 114

S 37 A new strategy for the preservation of the ideal renaissance town of Zamosc in Poland
SZMELTER, Alicja 115

S 37 Heritage networks and the structuring of New Peripheries
VALL CASAS, Pere 116

S 37 Living in an old place: the reasons, the passions, the contradictions. A study about the contemporary living in an historic preservation area - Pole Santo Antonio, Sao Luís do Maranhao, Brasil
WALL DE CARVALHO VENANCIO, Marluce 117

S 38 Urban Regeneration in South Dallas: South Side on Lamar
GALLEY, Catherine 118

S 38 Governing cultural industries: the case of the design sector in Montreal, Canada
LESLIE, Deborah 119

S 38 The Designer in the City and The City in the Designer
RANTISI, Norma M. 120

S 38 Preserving Diversity in Rapidly Expanding Cities via the Planning System
HARVEY, Vanessa 121

S 39 Contemporary Urban Spectacularization
BERENSTEIN JACQUES, Paola 122

S 39 Conceptual intersections: urban furniture, public art and urban imagery
COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira 123

S 39 The culture on suburb planning: limits and potentialities
FERRAN, Marcia de N. S. 124

S 39 Visible Management & City Marketing: From the plan to city building in Maracaibo's Municipality, Venezuela
FERRER Y ARROYO, Mercedes 125

S 40 The 'culturalization' of planning and of the city: new models?
FESSLER VAZ, Liliana 126

S 40 Urbanistic-cultural approaches in town planning since the 1980s: 'urban revitalization' projects in the city of Rio de Janeiro
SILVEIRA, Carmen Beatriz 127

S 39 Denied East: culture, market and place
TORRES RIBEIRO, Ana Clara 128

S 40 Maracaibo´s Malecon on stage: Towards a new urban planning culture in Maracaibo, Venezuela
FERRER, Mercedes
PORTILLO, Isabel
QUINTERO, Carolina 129

S 05 Culture Cities: Planning or Branding
EVANS, Graeme 130

S 05 Expos and Olympics Games as motors of urban development. A typoloy of concepts.
MEYER-KÜNZEL, Monika 131

S 05 Getting Hooked - becoming an Event City
GOLDRING, Ian 132

S 06 Sevilla, contemporary city by the impulse of Exhibitions (1929-1992)
PÉREZ ESCOLANO, Víctor 133

S 06 The 1929 Barcelona Exposition: consolidation or urban metamorphosis?
GRANDAS, Carme 134

S 06 Landscapes and representations of the International Expositions. Paris and Barcelona at the beginning of the 20th Century
BALLESTER, Patrice 135

S 06 International Exhibitions and Planning. Hosting large-scale events as catalysts of urban regeneration
MONCLÚS, F. Javier 136

S 07 From local trading fair to global convention - Urban transformations through the Olympic Spectacle in London 1908-2012
COAFEE, Jon 137

S 07 Driving Urban Change: the impact of the Winter Olympics, 1924-2002
ESSEX, Stephen
CHALKEY, Brian 138

S 07 Reviving the panegyrics: cities and the staging of the Olympic arts and cultural festivals, 1896 to 2000
GOLD, Maggie
REVILL, George 139

S 07 Consultation or Communication: Negotiating Community Involvement in the Bondi Beach Olympic Volleyball Stadium
MARTINDALE, Katharine 140

S 09 The social representation of Ciudad de México
TREVIÑO, Ana Helena
MCKELLIGAN, Teresa
BOLOS, Silvia 141

S 09 The image of the norm and the image of the city: A new look towards the urban norm
CAVALLAZZI, Rosangela Lunardelli 142

S 09 The City in Transition: Engineering, freemasonry, and liberalism in the planning of the modern city
SÁNCHEZ DE JUAN, Joan-Anton 143

S 10 Contemporary Urbanism and Medieval Citizenship
ALSAYYAD, Nezar
ROY, Ananya 144

S 10 The Power of Anticipation: Itinerant Images of Metropolitan Futures: Buenos Aires 1900-1920
GUTMAN, Margarita 145

S 10 The happy city. Urban governance in advanced economic contexts
PICCINATO, Giorgio 146

S 09 The City between Image and Identity
SCHUMANN, Ulrich Maximilian 147

S 11 Constructing the Civic Body in Barcelona: Planning, Metaphors and Digressions
MCDONOGH, Gary W. 148

S 11 The urbanites: Osaka and the concept of urbanity in culturally diverse contexts
RADOVIC, Darko 149

S 11 Latino Stories: Public Art as a Layer of City Culture
WALLACH, Ruth 150

S 12 Idensity®: a communicational paradigm in urbanism
SIKIARIDI, Elizabeth
VOGELAAR, Frans 151

S 12 Complex mapping of the urban landscape: new methods and complex maps
SEPE, Marichela 152

S 12 Jaqueline Tyrwhitt: A Founding Mother of Modern Planning
SHOSHKES, Ellen 153

## TRANSFER OF MODELS AND THE CULTURE OF CITIES


S 15 The transfers of urban ideas and models of foreign planners shaping the urbanism in São Paulo, Brazil at the beginning of the XX century
DA SILVA LEME, Maria Cristina 154

S 15 The 30´s and the new urban planning institutions in Brazil
FELDMAN, Sarah 155

S 15 From hygienism to taylorism: how the projects became the urban reality of Medellín in 1870 – 1932
GONZALEZ ESCOBAR, Luis 156

S 19 Urban models and transferences in Caracas: the case of Manuel Mújica's first garden suburb in Caracas
LANDA, Izaskun 157

S 16 Unexpected transfer: the Spanish republican exile in Venezuela, 1938-1958
MARTIN FRECHILLA, Juan Jose 158

S 16 Influence of foreign theories and urban models in the formulation of masters plans of Latin American cities, during the 1930-1960 period
MOGOLLON, Ligia Esther 159

S 16 Circumstances and adjustements in the adoption of Strategic Planning
NOVAIS LIMA, Pedro 160

S 17 Shaping a Modern City out of an Ancient Capital: Henri Prost´s plan for the historical peninsula of Istanbul
BILSEL, F. Cânâ 161

S 17 Curing Congestion: Competing Plans for a 'Loop Highway' and Parking Regulations in Boston in the 1920s
WEINSTEIN, Asha 162

S 17 Transport ideology, modern urban planning and conservation movement in Scandinavian capital cities in 20th century
KOLBE, Laura 163

S 18 A study of the life of Organic City and the image of the citizen - a comparison between metabolism and Patrick Geddes
KURODA, Tomoko 164

S 18 A Great Utopian and Sharp-eyed Observer - Architect Olavi Laisaari and His Plans and Planning Theories in Post-war Finland, especially in Lahti
NISKANEN, Riitta 165

S 18 Planned Cities and Autorship: Contested visions in the Chandigarh Plan
PERERA, Nihal 166

S 18 The Experience of Modern Urbanism in the city of Rio de Janeiro
REZENDE, Vera F. 167

S 19 Wiener and Sert's Pilot Plan for Medellín. Contract and presentation. Colombian urban planning and its vicissitudes
SCHNITTER CASTELLANOS, Patricia 168

S 19 The Modern Art Museum: its place in Caracas's Modern Cityscape
BARRIOS, Carola 169

S 19 The City of the Criticism to the Modern Movement
BRONSTEIN, Laís 170

S 54 Adamo Boari, Mexico City and Canberra
VERNON, Christopher
CONDELLO, Annette 171

S 20 Europa, Francia and Bahía: diffusion and adaptation of urban european models
PETTI PINHEIRO, Eloisa 172

S 20 The travel path of the Neighborhood Unit: From the US and Europe to Latin America. The transfer of the model to Venezuela planning.
VILLORIA SIEGERT, Nelliana 173

S 20 The Influence of the Garden City´s Idea in Israel and Egypt
MITTNER, Dunia 174

S 20 The diffusion of the term "garden city": some issues on the transfer of town planning models in Brazil
DANTAS, George
FERREIRA, Angela
EDUARDO, Anna Rachel
ANDRADE, Alenuska 175

S 49 Chronicles from the Far East: The Garden city model of planning in the federated Malay States, 1920 - 1929
GARNAUT, Christine 176

S 49 William Alexander Harvey (1874 - 1951): Bournville and after
HARRISON, Michael 177

S 49 After the New Towns
WARD, Stephen 178

S 51 Urban Landscape Planning of Palace Zone in Tokyo after Meiji Revolution
ISHIKAWA, Mikiko 179

S 51 Urban recentering - Memory and Urban Refoundation. The Oporto Replanning of Central Area by Barry Parker (1916)
TAVARES, Rui 180

S 51 Biographical Study of Japanese "Civic Artists" before the W.W. II - Acceptance and Development of Civic Art in Japan
NAKAJIMA, Naoto 181

S 51 Garden city urbanism? Barry Parker and Oporto
MILLER, Mervyn 182

S 52 Beijing, Berlin, and Bucharest: Legacies of socialist modernity at the end of history
BANERJEE, Tribid 183

S 54 The invention of Brasilia
BARKI, José 184

S 54 Contested places for Australia´s capital city
BIRTLES, Terry 185

S 54 Planning, City image and metropolitan growth in Brasilia
CIDADE, Lucia Cony
JATOBA, Sergio 186

S 53 Implications for Twenty-First Century Capital City Planning
GORDON, David 187

S 53 Brussels - capital of Belgium and Europe
HEIN, Carola 188

S 54 New Delhi
JOARDAR,. Souro D. 189

S 54 From a provincial to a national centre: Helsinki
KOLBE, Laura 190

S 55 The planning of the new capital of Tanzania: Dodoma, an unfulfilled dream
MOSHA, Aloysius Clemence 191

S 55 Rome Capital City Planning
PICCINATO, Giorgio 192

S 55 Planning History of the Capital Tokyo
WATANABE, Shun-ichi J. 193

S 53 Red Moscow: capital of the revolution or a revolution in capitals?
LANG, Michael H. 194

S 56 From public to private: spatial structure and built forms in post-socialist Sofia
HIRT, Sonia A. 195

S 56 Caracas, modernity and urban scale: an interdisciplinary approach
DEMBO, Nancy
ROSAS, Jose
GONZALEZ, Ivan 196

## PLANNING CULTURES: FROM THEORIES AND HISTORIOGRAPHY TO THE PLANNING OF URBAN SPACES AND LANDSCAPES

S 13 Scales of modernity
DA SILVA RETTO, A. 197

S 13 Urban models and concepts in portuguese Tangier (1471 – 1661)
CORREIA, Jorge 198

S 13 Thinking spaces, building tropical identities: reflections on the Cariben memory and architecture
LIZARDI, Jorge Pollock 199

S 14 Modern Planning Options in Chile 1929-1959: concepts of circulation and transport in debates and estrategies of territorial arrangement
PAVEZ REYES, Maria Isabel 200

S 14 Images and entertainment: two topics to tackle the social uses of space at the Zocalo of Mexico City
ROCA, Lourdes 201

S 14 Space performance models to interpret the city's history. The San Cristobal city case, Venezuela
PEREZ DE MURZI, Teresa 202

S 41 Late capitalism and the crisis of planning
GARCIA VAZQUEZ Carlos 203

S 41 The Venezuelan City: Visions of an immigrant in the middle of the 20 th century
MUÑOZ BRAVO, Meridalba 204

S 41 A historical approach to the study of town and regional plans originated in regional planning in Argentina, 1940-1960
MAZZA, Carlos Jeronimo 205

S 42 Dr. Ishihara Kenji: An Architect, Pioneering Planner and Devout Christian
YORIFUSA, Ishida
SHOJI, Sumie 206

S 42 The wonderful possibilities of the future: Political and administrative influences on urban planning in Greater Brisbane
MINNERY, John R. 207

S 42 Shin, Gyo, So: The Traditional Concepts of Spatial Design in Japan
HANAZAWA, Shintaro
NISHIMURA, Yukio
KITAZAWA, Takeru
NAKAJIMA, Naota 208

S 42 Postmodern spatialities of ´glocalisation´: conceptualising ´heterotipian´ urbanism
FAHMI, Wael Salah 209

S 43 The Rise of Modernism and the Decline of Place: The Case of Surrey City Centre, Canada
NATRASONY, Shawn M.
ALEXANDER, Don 210

S 43 Charrettes in China: Newer Urbanism in Older Cities
CODY, Jeffrey W.
RICHARDSON, James R. 211

S 43 Environments Under Strong Development Threats - on Bang Khun Tien and Possibility of Sustainable Future
BOONTHARM, Davisi
RADOVIC, Darko 212

S 43 University planning and design under Confucianism, Colonialism, Communism and Capitalism: the Vietnamese Experience
LOGAN, William
HONG THUC, Nguyen 213

S 44 Planning for Intangibles: innovation and the postmodern scene
PASK, Andrew 214

S 44 Planning Houston: A City without a Planning Culture
NEUMAN, Michael 215

S 44 Urban diversity and common ground: The effects of culture-led regeneration on inter-group relation – The case of Hackney, London
KOUTROLIKOU, Penny 216

S 45 The pendular swing and the wheel. Spinning the planning paradigms
DE MIGUEL, Rafael Gonzalez 217

S 45 The Architectural Dimension of British Planning: Amenity
ASEGUINOLAZA BRAGA, Izaskun 218

S 45 The Inventiveness of Memory: Teaching History nd Conservation Planning
GONZALEZ CASAS, Lorenzo 219

S 46 Imaginaries of political identity in Latin American historiography of architecture (1980-2000): the anti - non lieux
LOZOYA MECKES, Johanna 220

S 46 Planning models for suburbs in cities of Rio de Janeiro: The Garden City versus the Modern Tradition
COUTINHO MARQUES DA SILVA, Rachel 221

S 46 Consolidation and convergence of two urban traditions
LUQUE VALDIVIA, Jose 222

S 47 The Uses of History in 20th Century City Planning
HEBBERT, Michael
SONNE, Wolfgang 223

S 47 The power of sensuous ideologies in framing the City.
DEGEN, Monica 224

S 47 Building metaphors: innovation and diffusion shop buildings
KOOIJMAN, Dion 225

S 47 Transfer and shaping of urban and planning history in mid Twentieth Century Latin America
ALMANDOZ, Arturo 226

S 48 Spatial Forms and Economic Processes: Querétaro 1765 - 1810.
GONZÁLEZ GÓMEZ, Carmen Imelda 227

S 48 Rio-H: the city history revealed through a web-based system
RIPPER KOS, José 228

S 48 The ambiguites of urban practices in historic sites: the world heritage city of Olinda in Northeast of Brazil
PONTUAL, Virgínia 229

S 29 Planning of supraurban systems in Venezuela (1977-2002): a lost period?
MONTIEL, Elsamelia 230

S 29 Transformation of non-urban models in the 'City of Sprawl'
SUCENA, Sara Garcia 231

S 29 For a Culture of Metropolitan Integration of the City of Mexico: theory of nodes and urban corridors, 2000-2030.
LINA MANJARREZ, Pedro 232

S 30 Genesis of the new central spaces of the ZoMeCS:The center of the Spanish future great metropolises of XXI century
REINOSO, Rafael Bellido 233

S 30 Historical origins and the demolition of the last city walls in Palma of Mallorca
ARTIGUES BONET, Antoni
MIRANDA GONZÁLEZ, Miguel Angel 234

S 30 Urban planning and spatial transformations in Madrid in the last two decades of XXth century. Structuration and reconstruction of an unfinished capital-city.
LOPEZ DE LUCIO, Ramon 235

S 30 The "Ensanche" of San Sebastián: The City in the 19th Century
MARTIN RAMOS, Ángel 236

S 61 The Postwar Globalization of New Deal Public Works Programs: Planning, the Pan-American Highway, and Economic Development
SMITH, Jason Scott 237

S 61 Building New Deal Communities in the Shadow of the Nation's Capital: Reconsidering Relationships between Early European and American Public Housing
QUINN, Kelly 238

S 61 Atlantic Crossings Gone Awry: How American Progressives Misread the U.S. Housing Market and European Social Housing Policy
HUNT, Bradford 239

S 62 Limits to Cities: The theory and practice of the International use of green belts and urban growth boundaries
BUXTON, Michael
GOODMAN, Robert 240

S 62 Planning spatial and visual integration of natural and urban environments in coastal areas
FARIA, Ana Paula
PALMA, Niara Clara
NAOUMOVA, Natalia 241

S 62 Environmental Impacts on Lagoon Tijuca and Lagoon Camorim: Barra da Tijuca, Rio de Janeiro City, Brazil
SILVA, Gabriella de Costa 242

S 62 The territorial model evolution of the Coast of Granada
MATARAN RUIZ, Alberto
VALENZUELA MONTES, Luis Miguel 243

S 63 Sociourban environment and the protagonism of the City of Mexico historical center
CANTU CHAPA, Rubén 244

S 63 Growth of the City of Mexico: a model of Metropolitan planning?
CARRASCO AQUINO, Roque Juan
CALDERÓN, Hena Andrés 245

S 63 Insertion of ecological concepts in Rio de Janeiro town planning
AZEVEDO, Marlice
DIAS, Fabiana 246

S 63 Water and Urban Sustainability in the Metropolitan Area of the Valley of Mexico.
LAHERA RAMON, Mtra. Virginia 247

S 65 The two faces of the Regional landscape: Patrick Abercrombie and the Legacy of Geddesian survey
DEHAENE, Michiel 248

S 65 The parks system proposed by Joseph Antoine Bouvard in the Town Planning for San Paolo City and Buenos Aires
ENOKIBARA, Marta 249

S 65 A Study of the Evolution of Open Space System, "Kashi" in the Downtown Riverside Area of Tokyo after the Meiji Era.
SHIKANAI, Kyoko
ISHIKAWA, Mikiko 250

S 66 Circulation not stagnation. Water and sewer system modernization in Barcelona, 1902-1917
DA COSTA, Francisco de Assis 251

S 66 The exigences of metropolitan water and sewerage provision since modernism: environmental crises, fiscal ideolgy and the Sidney Water Board
SEARLE, Glen 252

S 66 The centenary's waters: Infrastructure and urban development in Santiago of Chile at the beginnings of the 20th century
PEREZ OYARZUN, Fernando
ROSAS VERA, Jose
VALENZUELA BLEJER, Luis 253

S 66 Infrastructures and politics in Portugal in the first half of the 20th Century: innovation in lighting and water supply
CARDOSO DE MATOS, Ana
BERNARDO, Maria Ana 254

S 67 The sea-side villages of the Atlantic coast, 1940 - 1955: an experimental field for modern planning culture in Argentina
BRUNO, Perla Ana 255

S 67 Waterfront revitalisation projects in Latin America: cultural rescue or global planning model
SANCHEZ, Fernanda
BERALDINELLI, Raphaela 256

S 67 Ports of the coast of Chile, how to overcome an imposed urban model
VALENZUELA, Maria Paz
PIZZI, Marcela 257

S 67 The notion of 'Urban Project' from a historical and cultural dmension. Proposals for the Costanera of Buenos Aires, 1887-1997.
NOVICK, Alicia
MARTIRE, Agustina 258

S 68 The Seaport of Athens: Planning and Urban Space
MALIKOUTI, Stamatina G. 259

S 68 Up from the Sea: Shanghai's Port Development in Historical Perspective
MacPHERSON, Kerrie 260

S 68 Life and death of Lisbon waterfront
GARCIA, Pedro R. 261

S 72 The making of a Turkish metropolis: urban demolitions of Istanbul in the 1950s
AKPINAR, Ipek 262

S 72 A Challenge to Urban Planning in Turkey:
A self-created Urban planning model in Turkish cities
ELICIN, Yeseren 263

S 72 Re-thinking the urban characteristics of Istanbul
YUREKLI, Ipek
INCEOGLU, Arda 264

S 34 The lost world of social planning and popular participation
CLAPSON, Mark 265

S 34 Max Lock, Middlesbrough, and a forgotten tradition in British post-war planning
MOTOUCHI, Naoki
TIRATSOO, Nick I 266

S 34 Model For A Short-lived Future': The genesis of the Barbican estate in the City of London, 1950-1975
TSUBAKI, Tatsuya 267

S 34 Planning the Historic City: Evolving Ideas in Mid-Twentieth Century Britain.
PENDLEBURY, John 268

S 36 What can be learnt from the reconstruction of the German city
SAINZ GUERRA, Jose Luis 269

S 36 A British planning model: Provincial Civic Design in the Late-Victorian and Edwardian Period
MORLEY, Ian 270

S 36 Innovations in planning technique during the 1940s: The case of Britain
MARMARAS, Emmanuel V. 271

S 36 Regulating the impact of proposals for new tall buildings on the built heritage
SHORT, Michael 272

S 35 Transformations of Urban Structure in Lithuanian Cities
ALISTRATOVAITE, Inesa 273

S 35 Public space in post-sowjet cities
ENGEL, Barbara 274

S 35 Cultural Heritage and the Model Soviet City: Vladivostok, 1960-1991
RICHARDSON, William 275

S 35 Mental image of the city and methodical preconditions for its investigation
KIRVAITIENE, Salvinija
DAUNORA, Zigmas 276

S 31 Bluespace: Colonial Ports of Brazil, Australia and New Zealand
BRAND, Diane 277

S 31 Continuity on the vision of town planning represented in the Spanish colonial laws
KASHIMA, Akihiro 278

S 31 Islamic tradition planning model in Portuguese Cities, VIII – XIII Centuries
SAMPAYO, Mafalda 279

S 31 The irrigation variable in the model of villages of Mexican Bajío during the colonial period
URQUIOLA PERMISÁN, José Ignacio 280

## URBAN PROCESSES AND URBANISM

S 21 Informal urban growth and official city planning. The outskirts of Madrid 1860-1936
VORMS, Charlotte 281

S 21 Black-and-Red suburbs in inter-war Barcelona, 1918-1936
OYON, José Luís 282

S 21 Old Slums and New Neighbourhoods - Post World War II Slum Clearance and Urban Renewal in Great Britain and Germany - Case Studies in London and Hamburg
SCHUBERT, Dirk 283

S 22 Containment or construction: the contradictions of urban planning policy in the suburbs of Paris during the Fourth Republic (1947-1958)
FOURCAUT, Annie 284

S 22 From shacktown to suburb. The Incorporation of Owner-Building
HARRIS, Richard 285

S 22 New suburbs and UK post - war reconstruction: the fate of Charles Reilly's "greens"
LARKHAM, Peter J. 286

S 23 Park Forest, Illinois, and Levittown, Pennsylvania: Reconsidering Suburbanization in the 1950s
SCHUYLER, David 287

S 23 New Urbanism and Planning History: Back to the Future
SILVER, Christopher 288

S 23 Crossing the tracks. A Dialogue About the Social and Historical Relationships Between White and Black Suburbs in Early 20th Century U.S. Cities
CORBIN, Mary Sies
WIESE, Andrew 289

S 24 Towards the City Walled. Architectural and Urban Communication Changes
GARCIA GUZMAN, Belén
PEREZ VALECILLOS, Tomás 290

S 24 Modelling the dynamics of Latin American Cities: from polarisation to fragmentation
JANOSCHKA, Michael 291

S 24 Juxtaposition between walls and urbanism in Globalized Cities. Challenges of the Mexican Border City Model
LOPEZ LEVI, Liliana
MENDEZ SAINZ, Eloy
RODRIGUEZ CHUMILLAS, Isabel 292

S 25 Conflicting urban models and practices: recent housing movements in the revitalization of downtown São Paulo
PALLAMIN, Vera M.
LIMA, Zeuler 293

S 25 Urban Planning Instruments and patterns in low income housing en Bogota
TARCHOPOLUS, Doris 294

S 25 Transition and Evaluation of Locational Conditions of Public Rental Apartment Housing Complexes
YOKOTA, Takashi 295

S 26 Questioning the decrease of spatial disparities due to gradually use of Internet
NUNES, Flavio 296

S 26 Reshaping São Paulo under Global Modernization
LIMA, Zeuler 297

S 26 Spanish cities: From uniformity to ethnic multiplicity
PONS IZQUIERDO, Juan José
LÓPEZ, Dolores
MONTORO GURICH, Carolina
ALCALDE ENCINA, Angel 298

S 26 Building partnership through participation in the improvement of public spaces quality
RINCON, Hugo
VELASQUEZ, Carmen M. 299

S 27 Incorporating and structuring precarious urban settlements: Intervention strategies for its habilitation
CASTELLANO Caldera, César 300

S 27 Informal settlements: connectors and directional elements of Palmira San Josecito uban axis
GARCIA DE HERNANDEZ, Norma 301

S 27 Popular housing processes under neo-liberalism
GONZALEZ ALCALA, José Ricardo 302

S 27 Planning the unplanned: modelling informal settlements by means of GIS and cellular automata
SIETCHIPING, Remy 303

S 28 New villages in traditional Spain: a struggle for modernization in Franco´s dictatorship
CALZADA Pérez, Manuel 304

S 28 New settlements and territorial domination in the ´30s
CARABELLI, Romeo 305

S 28 Industrial Colonies, Urban Settlements for Production. A Comparative Study
OLIVERAS SAMITIER, Jordi 306

S 70 From an unstructured urban fragment to an Attractors System: a proposal for Maracaibo's periphery
BARROSO, Helen 307

S 70 Building Better Communities: gender roles, resources and gendered processos of urban regeneration in Cayo Hueso, Havana, Cuba
FERNANDEZ, Ariadna
ANGELES, Nora
YASSI, Annalee 308

S 70 Models of Urban Governance and planning in Latin America and the United States: Associationism, Regime Theory, and Communicative Action
IRAZABAL, Clara 309

S 32 Normative planning and urban restructuring in South Africa: the case of Cape Town
DEWAR, David 310

S 32 Planning, imaging and their hidden agenda. A case study
ROSEN-KREMER Osnat
ARAVOT, Iris 311

S 32 The architecture of contested space. Exploring the Discursive Meaning of the 'Mixed' City of Lod - Israel
YACOBI, Haim 312

S 57 A New Relationship between Planning and Democracy? Urban Activism in Melbourne 1965 -1975
HOWE, Renate
NICHOLS, David 313

S 57 Conflict in Urban Development and the Globalization Policy in Developing Countries
RAY, Amit 314

S 57 From Immigrant Assimilation to Metropolitan Regeneration and Transformation Notes and Reflections on the Processes of Immigrant Settlement and Metropolitan Change in Chicago Today
ORUM, Anthony 315

S 58 Land Regularization in the Metropolitan Area of Mexico City: some situational approaches on the worldwide metropolization
HUAMAN, Elías 316

S 58 To dream to El Valle. The utopia of the suburb
SALAZAR, Rosario Bravo 317

S 58 Government Urban Management in San Agustin, Caracas: ¿A Never Ending Symbiotic Process?
RAUSEO DIAZ, Newton José 318

S 58 The "Jardines del Valle": complex of paradigms
TORRES MIER Y TERAN, Hilda 319

S 59 The political respresentation of the protestants in Rio de Janeiro and the territorial implications of their legislative acting in Rio
LONTRA NACIF, Cristina
SAMPAIO MACHADO, Monica 320

S 59 Valley of Tecomán and its agricultural hinterland in Colima, Mexico.
MERCHAND ROJAS, Marco Antonio 321

S 59 Proximity and Differentiation: on the Application of the Category of Space in Urban Historiography
LEIDENBERGER, Georg 322

S 59 Socio-political phenomena and the renaissance on public space in Caracas
MONTILLA NAVARRO, Armando 323

S 60 Evolving Urban Culture in Transforming Cities The role of the configuration of the network of public spaces in urban life
BJUR, Han
AZIMZADEH,Mir 324

S 60 The Retreat from Public Planning in Melbourne
MOLONEY, Susie 325

S 60 The Pattern Change - Structural Change of Multicultural Development Process of the Central-European Industrial City
MIKIELEWICZ, Renata 326

## ROUNDTABLES

S 23 Two Eras of Suburban Development in the United States:
BIRCH, Eugenie L (Chair)
SCHUYLER, David
SILVER, Christopher
CORBIN, Mary Sies
WIESE, Andrew 327

S 33 "Havana, Cuba and Camden New Jersey, USA; Building Partnerships for Effective Urban Revitalization and Historic Preservation Planning"
LANG, Michael (Chair)
SPENGLER, Eusebio Leal
COYULA Mario
SEGRE Roberto
BONILLA-SANTIAGO, Gloria
DENNIS Roger 328

S 39-40 The "culturalization" of planning and cities: new models?
FESSLER VAZ, Liliana - BERENSTEIN JACQUES, Paola (Chairs)
SILVEIRA, Carmen Beatriz
COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira
FERRAN, Marcia de N. S.
TORRES RIBEIRO, Ana Clara 329

S 50 The next 100 years of the Garden City Model
WARD, Stephen (Chair)
VAN ROOIJEN, Maurits
SAIKI, Takahito
KENNY, Stuart 330

S 69 The Emergence of Professional Cultures and Milieus – The Example of Arab and Turkish Urban Planners
NEUMAN, Michael (Chair)
KASSOU, Abderrahim
NASR, Joe
SOUAMI, Taoufik
VOLAIT, Mercedes
ABU-DAYYEH, Nabil
GORDON, David 331

S 71 Transporting Planning: On Native Aspirations and the Diffusion and Transformation of Models
NASR, Joe (Chair)
ALMANDOZ, Arturo
BROMLEY, Ray
CODY, Jeff
HEIN, Carola
DA SILVA LEME, Maria Cristina
NOVICK, Alicia
VOLAIT, Mercedes
WARD, Stephen 332